

Análise da formação dos professores da Educação Infantil de Pelotas/RS: percepção quanto a capacitação para inclusão de crianças com autismo

MARCOS EDUARDO DOS SANTOS HACKBART¹; MÁRCIA DA SILVA LEMES²;
CYNTHIA GIRUNDI DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – marcoshackbart@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marciialemes@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – cynthiagirundi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um processo sustentado pelo professor, no qual a sua prática exercida está diretamente relacionada ao seu conhecimento pela temática. A criança com autismo apresenta prejuízos na interação social, comportamental e na comunicação, neste caso, é fundamental que a escola não apenas insira o aluno em sala de aula, mas que encontre maneiras para realizar uma inclusão escolar eficaz. (APA, 2014)

Neste contexto, a inclusão escolar possui dificuldades em diversas áreas, seja na estrutura física, na formação incompleta de professores, na falta de recursos e materiais escolares, entre outras situações que são de comum conhecimento.

O presente estudo foi realizado em treze escolas municipais de educação infantil, na cidade de Pelotas/RS. Trata-se de uma pesquisa transversal com abordagem qualitativa, afim de avaliar a formação dos professores, visando a capacitação para inclusão de crianças com autismo. Os resultados evidenciaram a importância de compreender a formação do professor como um processo contínuo, que busque fundamentar e aperfeiçoar sua prática.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, realizado nas escolas municipais de educação infantil da cidade de Pelotas/RS. O trabalho de campo teve início no mês de março, sendo finalizado no mês de maio, foram visitadas treze escolas, sendo que uma escola não autorizou que a pesquisa fosse feita, alegando que os professores não poderiam sair de sala de aula. Com as treze escolas, obteve-se um total de 39 professoras entrevistadas, todas do sexo feminino. A seleção das escolas foi realizada pela própria pesquisadora, onde recebeu autorização da

Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) para realizar a pesquisa, não houve contato prévio com as escolas escolhidas.

As professoras foram entrevistadas com um questionário estruturado contendo 25 questões. O instrumento utilizado teve como intuito analisar a formação do professor desde seu período de graduação, verificando o seu conhecimento sobre as características do autismo, sobre a temática inclusão escolar, qual tipo de abordagem utiliza com crianças autistas, sobre o manejo das demandas em sala de aula, além de analisar a formação continuada do professor, com o objetivo de verificar se o profissional, depois de formado, buscou sobre conhecimentos específicos da área de inclusão escolar e autismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram visitadas 13 escolas municipais de educação infantil na cidade de Pelotas. Em cada escola participante haviam de três a oito professoras no Pré-A, totalizando 39 entrevistados (n=39), todas do sexo feminino.

Das 39 entrevistadas, a maioria tinha formação em pedagogia (82,1%) e mais da metade concluíram a graduação em escola pública (53,8%). O que de fato o censo escolar de 2017 confirma que o universo docente é predominantemente feminino, sendo representando por 80% de todos os docentes da educação (INEP, 2017).

Quando questionados sobre como avaliavam sua formação, foi observado que 53,8% dos entrevistados classificaram a sua formação como muito, foi questionado também se durante a graduação as professoras realizaram práticas com crianças com deficiência, 64,15 responderam que não, e se realizaram práticas com crianças com autismo, 74,4 responderam que não.

Depois de avaliar sobre a graduação, as próximas perguntas tiveram o intuito de analisar se o profissional, depois de formado, buscou conhecimento específico para atuar na educação infantil, 64% das professoras participaram de cursos sobre inclusão e 74,4% acham muito importante buscar conhecimento sobre inclusão e autismo.

De acordo com Giovinazzo (2017) é importante proporcionar condições para que os professores possam continuar a estudar e a aprender, afim de aperfeiçoar sua prática e a ação educativa, o autor ainda enfatiza que a licenciatura é o

momento crucial para conduzir à consistência teórica e à apropriação das técnicas e conhecimentos necessários para o exercício qualificado da educação, uma vez que o professor só busca a formação continuada como momento de sanar dúvidas e/ou problemas que enfrentou durante o exercício profissional e/ou no curso de formação inicial.

Após todos os questionamentos sobre o período da graduação e a vida de profissional, foi questionado se na prática a inclusão realmente acontece, e 79,5% informaram que na prática a inclusão não acontece. Com este resultado, buscou-se saber quais medidas deveriam ser tomadas para que a inclusão escolar realmente acontecesse. 71,8% das professoras responderam que é necessário cursos de capacitações para os profissionais, 20,5% responderam que é necessário uma estrutura adequada, 5,1% que é necessário intervenção com os pais e 2,6% não responderam.

Posto isso, nota-se que a maior demanda dos professores é quanto a oferta de cursos e capacitações sobre a temática, pois para eles, a inclusão escolar acontece com professores capacitados e com estrutura adequada.

4. CONCLUSÕES

Os resultados do estudo mostram o quão importante é a formação do professor para prepará-lo para a vida profissional. Os professores não estão preparados para incluir o aluno autista em sala de aula, pois não tiveram uma formação a nível inicial que abordassem práticas, no qual são fundamentais para trabalhar a verdadeira inclusão. Observamos que as professoras entrevistadas entendem a importância de incluir a criança autista em sala de aula, e tentam fazer o possível para que isso aconteça, mas relatam que enfrentam dificuldades que se tornam barreiras para a inclusão, consequentemente prejudicando o aprendizado da criança. O autismo é um transtorno complexo que apresenta uma variedade de características no seu desenvolvimento, é importante que o professor consiga observar e avaliar o desempenho dessa criança, compreendendo assim suas demandas, além de articular com uma equipe multidisciplinar, medidas que possibilitem uma melhor qualidade na sua aprendizagem. Por fim, para que a inclusão realmente aconteça é necessário ter profissionais capacitados, ambiente estruturado além de apoio de agentes envolvidos diretamente no processo de ensino, visando criar condições sociais e pedagógicas de ensino para todos os aprendizes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

JUNIOR, Carlos Antonio Giovinazzo. **A formação profissional nos cursos de licenciatura e o exercício do magistério na educação básica: intenções, realizações e ambiguidades.** Educar em Revista, n. 1, p. 51-68, 2017.

Vitta FCF, Vitta A, Monteiro ASR. **Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência.** Rev Bras Educ Espec. 2010;16(3):415-28.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382010000300007>

Livro

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Trad. Maria Inês Correa Nascimento – 5ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.